

DESAFIOS DE ENSINAR A LER LINGUAGENS

Professora Doutora Roser Juanola Terradellas
Catedrática Emérita da Universitat de Girona/UdG,
Catalunha, Espanha

Professora Doutora Sandra Ramalho e Oliveira
Professora Titular Aposentada da Universidade do
Estado de Santa Catarina/UDESC, Brasil

Mergulhados em teorias e nos problemas da contemporaneidade artística, muitas vezes nos distanciamos dos problemas do ensino de arte no cotidiano das escolas, principalmente das escolas públicas, onde se têm que lidar com diferentes realidades e situações, esquecendo-nos que é ali que se prepara o futuro público da arte.

Independentemente de vertentes teóricas, ideologias e, em especial, de quaisquer preconceitos, o fato é que nada começa nas escolas, no espaço destinado à Arte, sem a “imagemização” (Revista Portuguesa de Educação Artística, vol. 11, n. 2), um processo análogo à alfabetização que se dá no campo da linguagem verbal.

De um modo objetivo, propusemos neste número problematizar questões relacionadas aos complexos processos de ensinar a ler linguagens, não apenas linguagens visuais *stricto sensu*, mas outras como a sonora, a moda, o design, a urbanística, libras, as miscigenadas, como a audiovisual, a telejornalística, ou dos livros ilustrados e mesmo a linguagem verbal, em diálogo próximo ou em cotejamento com a visualidade.

Queremos ressaltar a importância das trocas acadêmicas que vêm sendo realizadas nos últimos anos entre o PPGAV, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC e o GREPAI, *Grup de Recerca em Educació, Patrimoni i Arts Intermèdia*, da Universidade de Girona/UdG, que aqui se consolida por meio da coorganização deste dossiê por uma investigadora de cada uma destas duas Universidades, bem como pela contribuição da UdG

com dois artigos de pesquisadores do GREPAI.

Analice Dutra Pillar inaugura este dossiê com o artigo *Leituras de narrativas audiovisuais na educação e a constituição do gênero feminino na infância*, um dos resultados de muitos anos de pesquisas sobre leitura de produtos audiovisuais, ensejando uma proposta de leitura do audiovisual para as escolas. Para tanto, buscou subsídios teóricos e metodológicos sobre leitura de imagens em Barbosa, Acaso, Efland, Freedman, Stuhr e Hernández e sobre a apreensão de efeitos de sentido em estudos de Landowski, Médola, Fachine, Hernandes, Teixeira e Ramalho e Oliveira, ao longo da sua trajetória de pesquisadora. Aqui ela apresenta um processo de leitura a partir da análise do filme publicitário *Coleção Era uma vez...Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela*.

A seguir, temos uma reflexão sobre o modo como os meios digitais estão influenciando a recepção da literatura no século XXI, centrando o fenômeno em uma mudança que os autores consideram fundamental, qual seja, a intermedialidade, ou a hibridação de linguagens artísticas distintas, de maneira sincrônica e diacrônica, sobretudo entre a linguagem visual e a verbal literária. Seus autores são professores da Universitat de Girona, Catalunha, Espanha, pertencentes ao Grupo de Pesquisa GREPAI, *Grup de Recerca em Educació, Patrimoni i Arts Intermedial*. O estudo intitula-se *Lectura literaria digital e intermedial: orientaciones didácticas para una mediación lectora que integre distintos lenguajes* e seus autores são os professores Mariona Masgrau-Juanola, Karo Kunde, Débora da Rocha Gaspar e Christian Arenas-Delgado.

Continuando a busca de enfrentar os desafios de ensinar a ler imagens, dentro de uma perspectiva que se afasta dos objetos tradicionais anteriormente abordados em aulas de artes visuais, os autores Alissom Brum e Saraí Patrícia Schmidt apresentam uma proposta intitulada *Alfabetização midiática-visual: estabelecendo algumas concepções e intenções em torno do termo e da prática aliada à linguagem fotográfica*, na qual partem da ideia de que embora os indivíduos estejam envolvidos em

um contexto visual e midiático, não se dão conta do poder comunicativo e político destas manifestações. Daí entenderem que urge incluir “outras alfabetizações” na educação escolar contemporânea. Para tanto, buscaram perspectivas teóricas-conceituais nos campos da Comunicação, da Educação, dos Estudos Culturais e dos Direitos Humanos. Concluem que a presença da mídia como objeto de estudo prepara os indivíduos para questionar as verdades estabelecidas.

Mais uma proposta para aproximar o ensino da linguagem visual à realidade dos estudantes, impregnada de sedutoras imagens em diversos formatos, sejam as coletivas, partilhadas por todos ao apenas transitar pelas ruas, ou as virtuais, disponíveis todos os dias, horas e locais, individualmente, está contida no texto seguinte, intitulado *Memetizando em sala de aula: memes, leitura de imagem e desafios da educação contemporânea*. Embora se tratando do relato de uma pesquisa bibliográfica, seus autores, João Paulo Baliscei e Maria Fernando Serrilho de Abreu Paulino examinam as possibilidades pedagógicas dos memes, considerando que este artefato contemporâneo já têm um histórico, embora recente, de investigações a seu respeito, incluindo sua presença na educação. Cotejam suas percepções com o binômio expectativas e realidades no acesso à tecnologia na contemporaneidade escolar.

O estudo da canadense Myriam Lemonchois, traduzido por Letícia Francez e revisado por Mara Rubia Sant’Anna, ensejou uma proposição metodológica para a apreciação de uma obra de arte. O artigo *Abordagem “sir” (sensível, imaginativa e racional) para apreciar uma obra* apresenta esta abordagem que propõe a apreciação de uma obra de arte em três etapas: sentir e imaginar diante da obra; examinar os elementos do conteúdo e os elementos socioculturais da obra; fazer a síntese das duas primeiras etapas para estabelecer um julgamento crítico e estético. Esta abordagem é recomendada a professores de arte e demais educadores que queiram “desenvolver competências relacionadas à sensibilidade, imaginação, capacidade de análise e sintetização”.

Vem também da Universitat de Girona, igualmente do GREPAI, *Grup de Recerca em Educació, Patrimoni i Arts Intermèdia*, um estudo voltado para a leitura do desenho infantil. Trata-se de parte de uma pesquisa de doutorado na área de análise e interpretação de processos e comportamentos de pré-escolares. Relacionando estudos e teorias acerca do tema à registros fotográficos e videográficos coletados pelas pesquisadoras, foram criadas categorias de análise e questões de pesquisa que foram aplicadas aos processos e sua transcrição. As autoras, Muntsa Calbó i Angrill e Imma Panadès, ressaltam que esta abordagem às levou “ao estudo do desenho como comportamento, como linguagem e conhecimento profundamente humano e enraizado tanto na cultura como na natureza biofísica do mundo”. O texto se intitula *Um contexto social e cultural para ler os processos de desenho infantil*.

A postura de abertura adotada neste dossiê, tanto em relação a aceitação de artigos tendo epistemologias distintas como fundamentação, quanto no que se refere a adoção de linguagens estéticas diversas da visual *stricto sensu* como objeto, além da presença das linguagens consideradas híbridas ou miscigenadas, como em textos anteriores, na sequência apresentam-se estudos voltados a diálogos com a poesia, a moda, o design, o urbanismo, o livro de artista e outros livros. Eles exemplificam como o conceito “leitura” pode ser alargado, interpretado e usado dos mais diferentes modos, ao contrário do que pensam mentes apressadas.

Guilherme Bruschi Frizzo participa deste dossiê com um relato da análise dos resultados de uma pesquisa, ao qual deu o título de *Reconquistar a poesia: um manifesto da potência criativa no ensino de Arte*. Apoiado no pensamento de Jacques Rancière, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Villém Flusser, propõe uma transformação no que considera um ensino precarizado da Arte em um ensino emancipador, e distinguindo ato criativo de ato produtivo, tendo a poesia como potência para reestruturar as condições do ensino da Arte.

O texto seguinte, intitulado de Ensino e linguagem de moda: leitura e interpretação de códigos simbólicos no processo de criação de peças do vestuário, Glauber Soares Junior, Claudia Schemes e Denise Blanco Sant'Anna relata uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e tratamento descritivo, na qual articulou teorias da disciplina História da Moda com painéis semânticos visuais compostos por códigos simbólicos, cuja leitura ensejou a construção de desenhos de croquis de peças do vestuário, integrando saberes, graças à metodologia da aprendizagem significativa.

Marc Barreto Bogo contribui para este dossiê com o artigo *Como analisar uma exposição de design?: Abordagem semiótica*. Parte da noção de que os produtos do design muitas vezes passam despercebidos pelos usuários, uma vez que integrados à vida cotidiana, ao contrário da situação desses produtos em uma exposição de design, onde eles estão colocados em destaque. Daí na questão? Como proceder à análise, ou à leitura dessas linguagens? Para buscar respostas, apoiou-se na Sociosemiótica, desdobramento da Semiótica Discursiva, bem como na Semiótica Plástica e nos estudos da estesia. Então, o autor propõe “um percurso analítico estruturado em quatro dimensões de leitura sucessivas e hierarquizadas – objeto, exposição, instituição cultural, território”, não perdendo de vista a especificidade dos projetos de design.

Marília Solfa analisa as aproximações da artista estadunidense Barbara Bloom do campo do design, a partir da análise do trabalho intitulado *Weimar, past... future, and now? [A chocolate box about Weimar]*, datado de 1995. A partir de 1970, Bloom, artista conceitual mais conhecida por seus trabalhos de instalação multimídia, vem desenvolvendo suas investigações se utilizando de manifestações dos campos da fotografia, do cinema, da literatura, da música, da propaganda, além do design, como entrada para o estudo de como percebemos e valorizamos os artefatos do contexto cotidiano. A autora intitulou seu artigo de *Uma caixa de chocolates sobre Weimar: aproximações entre arte e design na*

produção de Barbara Bloom.

Leituras da cidade contemporânea: caminhadas, história e memória na produção de sentido é um artigo que deriva da tese de doutorado de sua autora, Rosanny Morais Teixeira e trata de modos de leitura da visualidade urbana, com o objetivo de melhor entender “a produção de sentido no sujeito urbano a partir de suas interações visuais, sensoriais, sinestésicas com a urbe.” Fundamentada por Halbwachs, Le Goff, Argan, Freire, Peixoto, Canton, Landowski e Oliveira, a autora tece relações entre percepções, afetos, imaginário, memória, extraíndo das sensações os sentidos, oferecendo assim subsídios para leituras que considerem histórias e memórias urbanas experiências para a construção da cidadania.

O trabalho seguinte trata da compreensão do planejamento expográfico de arte como experiência de leitura, ao qual deram o título de *Eu passeio por lugares como atravesso dobras de livros*. Estabelecendo analogia entre livro de artista e publicações especializadas em arte, diferenciam como são expostos neles, distintamente, os sentidos. Considerando a necessária amplitude no papel do público leitor da arte contemporânea em suas diversas mídias, os autores, Fabiana Pedroni e Rodrigo Hipólito, passam a estabelecer outra analogia, desta feita, entre o “espaço” do livro de artista e o espaço expográfico físico. E concluem com um percurso por uma exposição, relatando a experiência de leitura espacial e sensorial.

Distintas epistemologias têm se ocupado do exame da produção artística. A semiótica, com o aporte de diversas teorias para o estudo de linguagens é uma delas. Entretanto, embora o tema desta edição apresente a arte na perspectiva da semiótica, ou seja, como linguagem, por coerência, igualmente sem preconceitos, foram aceitos nesta edição artigos com os mais distintos fundamentos, sejam ensaios, relatos de pesquisa ou outro formato acadêmico, bem como objetos artísticos em sentido amplo, mas sempre em diálogo com a linguagem visual. E na diversidade na qual esperamos poder articular as diferenças que já estão

postas *a priori*, tentaremos expor aos leitores processos não de igualdade, pois eles também parecem impossíveis, mas processos análogos.

Isto porque se acredita que no acompanhamento de cada processo de ensino de uma linguagem, será possível lançar luzes sobre o processo de ensino da leitura da linguagem específica a qual cada um se ocupa, estabelecendo pontes, as possíveis equivalências, sempre imperfeitas, conforme Omar Cabrese (2008) em *Lo strano caso dell'equivalenza imperfetta (modeste osservazioni sulla traduzione intersemiótica)*, não traduzido para nosso idioma.